

KHUPULA-MUNU

Tempo (495)
p. 62-63

PERFIL DE UM RESISTENTE

(CONCLUSÃO)

A história destes três dias tormentosos resume-se aos esforços dos portugueses em abrir os campos de fogo necessários ao seu sucesso e nas tentativas do exército de Khupula em evitar uma situação em que fossem submetidos ao fogo superior do inimigo.

Na tarde do dia 24, os guerreiros de Khupula, escondidos no mato, atacaram o destacamento do «Mahoho» durante uma meia-hora de intenso tiroteio. (1)

Os portugueses tentaram alargar os campos de tiro, mas foram atacados outra vez. Contudo, conseguiram chegar perto de Nampoto, onde queimaram a povoação e construíram um acampamento. Passaram a noite a ouvir os tambores de guerra («thopo-thopo») de Khupula e as ameaças dos seus guerreiros: «morrerão aí de sede. Nem um só voltará a Parapatho. Amanhã havemos de tomar banho no sangue desse branco que trouxe a guerra. Nem um só dos que aí estão passará daqui».

No dia seguinte, as forças portuguesas tentaram abrir um caminho que permitisse à coluna principal chegar a Nampoto. Foram atacados seis vezes. O acampamento foi assaltado. No dia 26, Khupula, provocado pela construção de um acampamento inimigo tão perto da sua aldeia-sede, decidiu lançar um «assalto brutal e decisivo». Chegado Neutel às pedras de Nampoto, foi recebido a tiro pelos nativos ali concentrados e emboscados. O mato densíssimo permitiu

que alvejassem as nossas forças quase à queima-roupa encontrava-se em apuros com o seu destacamento quase envolvido».

Foi salvo pela chegada de reforços da coluna principal «a tempo de evitar o completo envolvimento. E após um encarniçado combate o inimigo debandou deixando em campo numerosos mortos e abundantes despojos...»

Na realidade, Khupula foi obrigado a retirar-se pelo esgotamento das suas munições, conforme os depoimentos de todos os nossos narradores. Desde então, o local assumiu o nome de Malavine, que significa em makua aproximadamente «o local assombrado».

Khupula fugiu de Kalipo, terra onde nasceu, e começou a viver na clandestinidade, protegido pelo povo. Escondeu-se nas serras entre Kalipo e Murrupula. Os «chopa» avançaram com a ocupação da região, construindo estradas, postos militares e obrigando os «amwene» a entregar as suas armas. Mas as guarnições eram fracas e Khupula ainda tinha a sua liberdade. Os documentos portugueses falam da necessidade de «exercer vigilância sobre movimentos vindos do lado de Kalipo» e consta que Khupula fechou a estrada Kalipo-Murrupula.

Concluimos que ele prosseguiu uma guerra de guerrilha. A partir daí é difícil distinguir entre facto e ficção, porque Khupula depressa se tornou um mito popular. O que é certo é que continuou durante anos a desempenhar as suas funções de «akulukana» percorrendo as suas terras e a ser recebido pelos «amwene».



A sua fama de resistente valeu-lhe a perseguição implacável das autoridades coloniais, com o intuito de o matar. Em 1912, «os capitães-mores de Angoche e Macuacua tinham ordem de marchar sobre Khupula batendo por completo a região até prisão do rebelde...» Mais tarde, papel de relevo neste sentido foi desempenhado pelo administrador José de Castro, chamado pelo povo de «Nikerre» que significa «aquilo que brilha», pois o homem era careca. Os seus métodos brutais nada ficam a dever aos do mais refinado carrasco nazi.

Entretanto, os portugueses instituíram como régulo o sobrinho principal de Khupula, Makuta, julgando-o de confiança. Porém, Makuta continuou a obedecer a seu

M'Pit'anha encaminha os portugueses muito triste, pois agora se lembra de que o rei dissera: "Anotha pa n'rowa" — quem mente é que vai (preso).

"Mwakuvé! Mwakuvé! Mwakuvé!"

* DEPRESSA



tio servindo-se de um estratagemas para iludir os portugueses. Pegou em quatro escravos, matou um deles e arrancou-lhe um braço. Dirigiu-se a Parapatho, dizendo que levava consigo três vassallos principais de Khupula e um braço do próprio rei que tinha sido morto por ter recusado render-se. Os portugueses acreditaram e deportaram os escravos. Assim, Makuta ganhou a reputação de ser «lâmina» que separou os combatentes e restaurou a paz. Até hoje Makuta é bem lembrado por isso e pelo número elevado das suas mulheres e filhos.

Para melhor proteger Khupula, o povo passou a designá-lo por uma série de nomes secretos. Mudavam-lhe o nome sempre que este se tornava suspeito para os portugueses. Chamaram-lhe sucessivamente «anene-elapo» (dono da terra), «anene n'awo-nla» (dono desta pegada), «anotha p'anrowa» (quem mente é que vai) e Nakhuw» (milho).

«Anotha p'anrowa» precisa de uma explicação. Deve-se ao fim que tiveram os que denunciaram Khupula. O próprio rei conseguiu fugir do local em que se supunha estar. Quem foi preso e deportado foi o traidor que fizera a denúncia. Khupula continuou a reinar assim até à sua velhice, por volta de 1935.

O povo preservou a sua memória como arma contra a humilhação até à altura em que a resistência moral se transformou em luta armada de libertação nacional. A luta Armada não atingiu a província de Nampula, mas a consciência popular simbolizada pela inscrição na campa de Khupula, demonstra que as condições ideológicas básicas para a guerra popular existiam criadas pelo próprio colonialismo e expressas nas tradições vivas de heróis antigos.

Conquistada a Independência, os velhos guardiões da história de Khupula prontificaram-se a divulgá-la aos continuadores da Revolução.

Texto de Richard Gray (C.I.L.P.)

(1) Estes elementos foram tirados do relato da campanha da autoria de um escritor colonial.



Ao aproximarem-se do abrigo do grande resistente, são envolvidos por uma enorme nuvem de poeira levantada por um vendaval. A população diz que actuam outra vez os poderes mágicos do rei Khupula.



Depois de serem largados por aquela tempestade, aborrecidos por não terem encontrado o que pretendiam aprisionar M'Pit'anha. E assim sempre acontecia à qualquer pessoa que naqueles tempos se atrevesse dizer onde se encontrava o rei.